

A MENSAGEM SOCIAL DOS PROFETAS DE ISRAEL

J. Balduino Kipper S.J. _____

Também as secções legislativas, os Salmos e livros sapienciais manifestam pronunciada preocupação pelos homens e especialmente pelos pobres e injustiçados, bastando lembrar o Deuteronômio e Jó. Mas sobretudo os profetas são os arautos intrépidos da justiça e dos direitos humanos no A.T., de modo que a sua mensagem ou pregação social é ampla e importante, representando um tema essencial no conjunto dos seus discursos ou ensinamentos. Vamos pois passar em revista as passagens que tratam deste tema (1); procederemos em ordem cronológica, deixando, porém, de lado os oráculos contra os povos estrangeiros. Distribuiremos a matéria em três épocas principais.

I. OS PROFETAS DO SÉCULO 8º A.C.: AMÓS, OSÉIAS, ISAIAS, ODEDE, MIQUÉIAS

Situação histórica

Na Mesopotâmia ressurgue vigoroso e dentro em breve se impõe o império assírio, a cujo domínio também sucumbem os reinos de Judá e Israel; este cai em 722 a.C., seguindo-se o exílio assíriaco.

1. Amós (ca. 760 ou 750 a.C.)

Já Natan tinha repreendido severamente a Davi por causa do seu adultério e conjugicídio (2 Sm 12,1-15), Elias tinha atacado de

(1) As notas que vão seguir, representam um resumo, em parte atualizado, de dois trabalhos: A evolução económico-social em Israel e a pregação dos profetas e A mensagem social dos profetas pós-exílicos. O primeiro trabalho foi apresentado na XII Semana Bíblica Nacional em julho de 1977, em São Leopoldo, tendo sido publicado em Rev. Cult. Bíbl. 20, nova fase vol. 1, 1977, 309-351, e no volume coletivo Os direitos humanos na Bíblia-1, Edições Loyola, São Paulo, 1978, 15-57. O segundo trabalho foi apresentado na XIII Semana Bíblica Nacional, em julho de 1979, em Vitória, ES; será publicado em Rev. Cult. Bíbl., nº 4 (ou 12) de 1979.

rijo ao rei Acabe pela usurpação criminosa da vinha de Nabote (1 Rs 21). Menos salientes são as intervenções de Eliseu a favor de duas viúvas (2 Rs 4,1-7 8,1-6); nada ouvimos que ele tivesse protestado contra as horrosas hecatombes do novel rei Jeu.

Mas é com os assim chamados profetas escritores no séc. 8º a.C. que a mensagem social toma vulto e vigor. Amós, durante sua breve atuação no reino do Norte, denuncia vigorosamente a **opressão e exploração dos pobres** endividados (2,6-8 8,6 5,11a), a **violência** que reina em Samaria (3,9-12), os banquetes frívolos das madames de Samaria e as construções aparatosas (4,1-3 cf.2,8b 6,6; 5,11b 3,10b.11b.15 6,8-11). O profeta verbera igualmente o **luxo desenfreado** e escandaloso dos homens notáveis de Samaria e a **ganância** e as **fraudes dos negociantes** (6,3-6.7 3,12; 8,4-6), denunciando o uso de **balanças falsas** (8,5c; também Os 12,8 Miq 6,11 Ez 45,10 cf. Dt 25,13 etc.). Mas para Amós o cúmulo dos males sociais é a **corrupção da justiça** nos tribunais (5,7-15.24): os pobres não têm acesso à justiça (também 2,7), juizes e testemunhas aceitam ou reclamam subornos, o direito e a justiça são convertidas em losna e veneno (também 6,12), quando deveriam ser, como a água, um elemento benfazejo e fecundante do organismo social (5,24).

2. Oséias (ca. 750-725 a.c.)

Ao contrário do seu contemporâneo Amós, o profeta Oséias apresenta uma mensagem social menos pronunciada. Ele acusa os filhos de Israel de que **"falta a fidelidade e a solidariedade** (ou espírito comunitário), **falta reconhecimento de Deus no país. Amaldiçoar, enganar, cometer assassinatos e furtos (ou seqüestros?), cometer adultérios estão na ordem do dia, homicídio sucede a homicídio"** (4,1b-2 cf. 7,1). Estas acusações lembram o decálogo.

Adiante o profeta fala de palavras (vazias?), perjúrios e alianças que fazem **brotar o direito como veneno** (10,4 cf. Am 6,12); isto talvez se refira às tramóias e conchavos para derrubar e eliminar os reis (cf. 5,11-13 7,3-7 8,4.7-10 10,13-15 13,10-11; 2 Rs 15,10-30).

3. Isaías (740-700 a.C.)

Este aristocrata de Jerusalém, contemporâneo de Oséias e Miquéias, tem mensagem social ampla e vigorosa, repetindo em parte no Sul o que Amós tinha denunciado no Norte. Ele verbera a **exploração dos fracos e pobres** (1,17a.21 3,14b-15), os abusos revoltantes dos tribunais por subornos (1,23b 5,7.20.23-24a 29,21 se genuíno, **parcialidade** (3,9) e **leis injustas** (10,1-2), o **luxo** e os banquetes escandalosos (5,11-12.22 22,12-14.15-19: contra Sobna 28,7-13). Mas também aparecem abusos novos: a **especulação imobili-**

liária e os latifúndios (5,8-10) e a exploração das viúvas e órfãos (1,17.23 10,2b cf.9,16). Neste contexto convém mencionar também a sátira mordaz contra as "filhas orgulhosas de Sião" e suas modas (3,16-24).

4. Miquéias

Era contemporâneo um pouco mais novo de Isaías e o seu modesto livro de 7 cc. contém pregação social muito ampla e por vezes vazada em termos violentos. Ele flagela a **exploração desapiada dos fracos**, comparando os governantes e responsáveis com verdadeiros canibais ou tubarões (3,1-4): é um dos trechos mais violentos de todos os profetas.

Além disto ataca a **ganância insaciável** que se manifesta na aquisição de terras e casas (2,1-2.9; ver Is 5,8-10) e **retenção ilegal do penhor** (2,10b; cf. o manto de 2,8). Por ganância os juizes e magistrados administram a **justiça** por subornos (3,11a 7,3b; Am 5,12 Is 1,23), os funcionários exigem propinas (7,3), os profetas proferem oráculos pagos (3,5-7.11c) e os sacerdotes dão as diretivas por dinheiro (3,11b). Não se recua mesmo diante do **derramamento de sangue** (7,2a). As classes dirigentes da capital são incriminadas de **construírem a Sião com sangue** e a Jerusalém com injustiça (3,9-10), ou explorando os operários até a exaustão ou apoderando-se dos terrenos pela violência, como só o faria um déspota estrangeiro (Hab 2,12). Apesar de acusações tão violentas o profeta não incita as vítimas exploradas à violência ou a fazerem justiça por suas mãos: isto cabe a Deus (cf. 5,1ss 2,5).

Finalmente Miquéias chama atenção à **falsidade e deshonestidade** que reinam na vida comunitária (6,10-12 7,2.5); uma vez mais se mencionam medidas e pesos adulterados (6,10a.11 Os 12,8-9 Ez 45,10). Outro mal muito sério é a **anarquia familiar** (7,6).

5. Odede

Para o tempo do rei Acaz de Judá e portanto como contemporâneo de Isaías e Miquéias 2 Crôn 28,9-15 menciona o **profeta Odede** de Israel que exorta ao exército israelita vitorioso que solte os muitos milhares de prisioneiros de guerra judeus. E é obedecido.

II. OS ÚLTIMOS PROFETAS PRÉ-EXÍLICOS E PRIMEIROS EXÍLICOS: NAUM, SOFONIAS, HABACUQUE, JEREMIAS, EZEQUIEL (Séculos 7^o-6^o a.C.)

Situação histórica

O império assírio ia decaindo aos poucos, desaparecendo em 610 a.C. Em seu lugar, a partir de cerca de 630 a.C., reaparece o império babilônico, alcançando o seu apogeu no longo reinado de Nabucodonosor II (605-562 a.C.) e desmoronando com a tomada de Babel por Ciro o Grande em 539 a.C. Nas três deportações de 597, 586 e 581 a.C. uns 50.000 judeus foram levados para a Babilônia; Jerusalém caiu em julho/agosto de 586 a.C. e com ela o reino de Judá para sempre. Foi neste período conturbado e trágico duns 60 anos que atuaram os profetas menores Naum, Sofonias e Habacuque e os grandes Jeremias e Ezequiel.

6-8. Os profetas Naum, Sofonias e Habacuque (séc. 7^o a.C.)

Depois de Isaías e Miquéias, durante uns 60 anos, não ouvimos mais vozes proféticas. Os três que os seguem, têm livros breves e não contribuem muito para o nosso tema.

6. Naum (ca. 630 a.C.)

Só tem o trecho 3,1-5 onde fala de derramamento de sangue, crueldade e violência, depredações e mentiras. Mas já que o nosso profeta quase só trata da ruína iminente de Nínive, também este trecho obviamente visa os crimes da capital assíria e não os da capital judaica.

7. Sofonias (ca. 630 a.C.)

Tendo atuado alguns anos antes de Jeremias, o nosso profeta incrimina também ele sérias **faltas de comportamento social**: modas e manias estrangeiras, violências e fraudes, rapacidade (1,8-9 3,3a.4a.13); os juízes são "lobos vespertinos" ou gananciosos (3,3) e os "cananeus" ou negociantes devem temer castigos terríveis (1,11; cf. Am 8,5-6 Os 12,8 Miq 6,10-11).

8. Habacuque (entre 625 e 600 a.C.)

Angustiado o profeta pergunta a seu Deus, porque continuam reinando a violência e ultraje, a miséria e opressão, brigas e disputas? O direito não consegue mais impôr-se e o ímpio enreda ao justo (1,2-4).

Quanto aos cinco ais do trecho 2,6b-20 que fustigam vários crimes e abusos sociais, eles parecem visar os babilônios (ou

assírios?) invasores e não os judeus, e portanto este *ais* antes seriam metáforas da opressão estrangeira que abusos sociais concretos.

9. Jeremias (627-ca.580 a.C.)

Este grande profeta da ruína de Jerusalém e primeiros anos do exílio babilônico, apresenta mensagem social ampla, mas como Naum, Sofonias e Habacuque não traz mais muita coisa nova quanto aos temas e pessoas em confronto com Amós, Oséias, Isaías e Miquéias. Como Oséias e Miquéias ele denuncia as relações sociais envenenadas pela falsidade e perfídia, enquanto por exemplo com todo o cinismo se jura falso ou se logram os outros (5,1-5.26-28 7,9). A gente não se pode mais fiar de ninguém, nem mesmo dos próprios irmãos (9, 1-5.7; 6,13b). Jeremias incrimina muitas vezes os **profetas mentirosos** ou falsos (5,31 14,14 23,16.25-26.32 27,9-10 28,15 29,8-9.21).

Além disto reinam a opressão e a violência, a exploração dos fracos (6,6c-7 cf.9,5a cf.20,8.18 2,34 7,6.9), especialmente dos estrangeiros, órfãos e viúvas (7,6 22,3b). O profeta dirige um ataque violento ao ímpio rei Joaquim que explora os operários na construção dum palácio luxuoso em tempos difíceis (22,13-14.17; cf.2 Rs 23,35). No episódio revoltante dos **escravos alforriados** Jeremias não se cala: apostrofa os grandes senhores de Jerusalém e os ameaça com castigos atrozes (34,8-22).

Como Amós, Isaías e Miquéias, Jeremias volta a condenar os **abusos dos tribunais** (5,28 7,5b 21,12 22,3-5.15b-16); as leis são manipuladas pelos escribas ou magistrados (8,8 2,8). De resto o próprio profeta correu perigo de ser condenado injustamente (26,6-19) e mesmo ser morto (11,9ss 38,1-13).

10. Ezequiel (593-571 a.C.)

Sacerdote e homem do culto e do templo, contudo não separa a religião do comportamento social. “**Pratica o direito e a justiça**” também aquele que não oprime a ninguém, restitui o penhor, não comete roubo, dá seu pão ao faminto e veste o nu, não empresta por usura e faz julgamento correto entre os litigantes (18,7-8.12-13.16-18; cf. Is 58,7.10). Quadro parecido resulta da enumeração de crimes da “**cidade de sangue**” Jerusalém no c.22 onde uma vez mais o profeta volta a falar da exploração dos estrangeiros, viúvas e órfãos (vv.7.25.29); ele acusa não só os príncipes prepotentes e os funcionários, mas também o povo em geral (vv.6.25 G.27 45,9-10; 22,3.29 7,23 9,9b 12,19).

Na **alegoria do pastor e do rebanho** (c.34) encontramos idéias semelhantes: os “pastores” ou chefes do povo só cuidam dos

próprios interesses (vv.2-4) e os cidadãos ricos e poderosos exploram aos patrícios pobres e indefesos (vv.17-22). Finalmente dá na vista, quantas vezes Ezequiel fala de crimes sangrentos e violência (7,11.23 8,17c 9,9b 12,19 18,10. 22,3.4.6.9.12.13.27.29 «28,16 príncipe de Tiro» 36,18 45,9).

III. OS PROFETAS PÓS-EXÍLICOS (536-470/60 a.C.)

Situação histórica

Um ano depois de tomar Babel, o rei Ciro deu aos judeus exilados a licença de voltarem para a Judéia e reconstruírem o templo. Várias leva de repatriados se puseram a caminho, mas logo se defrontaram com imensas dificuldades de toda a sorte. Foi neste ambiente difícil que trabalharam os primeiros profetas pós-exílicos Is III, Proto-Zacarias e Ageu. Uns 60 anos depois atuou Malaquias. Vejamos sua pregação social.

11. Trito-Isaías ou Is III (ca.536-516 a.C.)

Ao contrário do seu mestre "Dêutero-Isaías" do exílio, o profeta dos primeiros dois decênios pós-exílicos, chamado "Trito-Isaías" (Is 56-66), deixou mensagem social ampla e rica.

Ele se pronuncia a favor da admissão dos estrangeiros e eunucos na comunidade eleita (56,3-7). Censura os chefes indolentes e gananciosos que ele compara com cachorros sonolentos, mas que se tornam vivos, quando se trata dos próprios interesses (56,9-57,2). Outros males sociais incriminados são os seguintes: a exploração dos operários nos dias de jejum por motivos de cupidez (58,3b cf. 59,13), brigas, discussões e golpes com ferimentos (58,4), violência e opressão (58,6c.9c 60,17 no fim, 60,21a 61,8a), ganância (57,17a), encarceramentos injustos (58,6b), homicídios (59,3.7b), gestos e palavras ofensivas (58,9b) e sobretudo palavras mentirosas ou insinceras que destroem o bom relacionamento e a confiança mútua (58,9c 59,3b.4c.13d.14c.15a). Finalmente uma vez é censurado o abuso dos tribunais (59,4a).

Como pessoas atingidas por estes males encontramos os estrangeiros (56,3a.6-7), os eunucos ou deficientes físicos (56,3b-5), os pobres ou "anawim" que por sua falta de recursos, põem sua confiança em Deus, os deprimidos e enlutados (61,1-2). Nunca encontramos menção das viúvas e órfãos.

12. Proto-Zacarias (out/nov. 520-dez.518 a.C.)

Apesar de ser fator ardoroso da reconstrução do templo, para este contemporâneo de Is III e Ageu a justiça social e a caridade valem mais que o jejum (cf. Is 58). À consulta sobre o jejum do quinto e sétimo mês o profeta responde que o jejum deles é interesseiro e depois continua, retomando uma das mensagens centrais dos profetas pré-exílicos: "Assim falou Javé dos Exércitos: 'Praticai julgamentos justos e usai de solidariedade (ou: amor, benevolência, piedade = "hésed") e compaixão uns com os outros! Não oprimai a viúva e o órfão, o estrangeiro e o pobre e tampouco mediteis o mal em vossos corações contra os vossos próximos' " (7,9-10). Portanto o eco dos "profetas anteriores" (v.7a) continua repercutindo 200 e mais anos depois.

Ainda uma vez Zacarias toma a palavra para inculcar a justiça social: "O que deveis fazer é o seguinte: Falai a verdade uns com os outros! Celebrai julgamentos verdadeiros e salutareis nas vossas portas! Ninguém medite o mal contra o próximo em seu coração! Não aprecieis o juramento falso! Pois tudo isto eu odeio – oráculo de Javé" (8,16-17). E logo a seguir, dando a resposta definitiva à consulta sobre o jejum, continua dizendo: "Assim fala Javé dos Exércitos: O jejum dos meses quarto, quinto, sétimo e décimo se converterá para a casa de Judá em dias de júbilo e gozo e alegres festas, mas amai a verdade (ou fidelidade, sinceridade) e a paz!" (8,19). Julgamentos corretos e imparciais e portanto salutareis ou benéficos para a comunidade, solidariedade e compaixão, a defesa das viúvas, órfãos e estrangeiros, a mentira e a falsidade em geral e o juramento falso em particular e finalmente as más intenções contra o próximo são temas prediletos dos grandes profetas dos tempos antigos, especialmente de Amós, Oséias, Isaías e Jeremias.

13. Malaquias (ca.470 ou 460 a.C.)

Uma vez que o contemporâneo de Is III e Zacarias I, Ageu praticamente não toca na mensagem social nos seus dois breves capítulos, venhamos ao último dos profetas no cânon, Malaquias (não é nome próprio!). Ele trabalhou algum tempo antes de Esdras e Neemias, lá por 470-460 a.C. Apesar de profundamente empenhado em promover um culto digno do Senhor e de insistir na entrega pontual dos dízimos e contribuições ao templo, consagra duas das seis seções do seu livrinho a problemas sociais:

Ele condena como infidelidade e abominação os **matrimônios mixtos dos judeus com mulheres pagãs** e **rejeita energicamente e também como infidelidade o divórcio praticado com a companheira e**

mulher da juventude e aliança (2,10-16): Coisa assim Deus odeia ou abomina (2,16). A rejeição do divórcio é única no Antigo Testamento e prepara o caminho para a doutrina da indissolubilidade do matrimônio da parte de Jesus.

Além disto o nosso profeta ameaça que Deus vai julgar e condenar prontamente os que oprimem os próximos: "Eu (Deus) me aproximarei de vós para o julgamento e serei uma testemunha rápida contra os magos e adúlteros e contra os perjuros, contra os que exploram os jornaleiros, as viúvas e órfãos, os que desalojam violentamente os estrangeiros, e os que não me temem, diz Javé dos Exércitos" (3,5). Parece que estamos ouvindo as pregações trovejantes dos profetas pré-exílicos; mas note-se que é a primeira vez que um profeta toma expressamente a defesa dos jornaleiros ou operários assalariados, pessoas livres e portanto distintas dos servos e escravos. No Novo Testamento Tiago retomaria a sua defesa (5,4). Portanto ainda este último profeta do cânon bíblico continua a proclamar a mensagem social e a defesa da justiça que se tinha feito ouvir desde os tempos de Natan e Elias e sobretudo desde Amós no século 8º até Ezequiel no século 6º a.C.

Em Dêutero-Zacarias e Trito-Zacarias (cc.9-11 e 12-14), em Joel e Jonas e Daniel não encontro mensagem social dirigida aos israelitas.

CONCLUSÕES

A rápida resenha das passagens enumeradas leva às seguintes conclusões:

1) Não cabe dúvida de que a pregação/mensagem social dos profetas de Israel é ampla e persistente, especialmente a partir dos primeiros profetas escritores, fazendo-se ouvir por cerca de três séculos. Estes homens de Deus fustigam corajosamente e mais de uma vez entre oposições e perseguições os males sociais das suas respetivas épocas: a exploração dos pobres e fracos, dos estrangeiros, viúvas e órfãos, dos operários e jornaleiros, o luxo e as festas ruidosas, o açambarcamento de casas e fundos, a ganância e as fraudes e a insinceridade que envenenam a vida comunitária, a violência e opressão, chegando a derramamento de sangue, e, pior que tudo, a corrupção dos tribunais.

2) Se perguntarmos pelas raízes ou fontes destes e outros males sociais e ainda pelos remédios que eles propõem, constatamos que eles conseqüentemente se comportam como homens profundamente religiosos. Por isso não se entregam a análises sociológicas,

para descobrir as origens remotas destes males, mas os vêem como pecados contra o Deus da aliança, como efeitos maus da falta de reconhecimento de Deus e de mentalidade comunitária ("hésed") ou do temor de Deus (Mt 3,5 no fim). Por isso nunca incitam os injustiçados a conseguir os seus direitos pelas próprias mãos ou pela violência; isto eles deixam a Deus.

Tampouco os profetas propõem programas concretos de atuação; apenas Miquéias parece preconizar a volta à ordem antiga de pequena propriedade familiar contra a expansão latifundiária (2,2b). Eles ficavam na proclamação da palavra de Deus que "não cairia em terra", mas a seu tempo produziria os seus frutos.

3) Mas como conseqüência positiva da sua vivência religiosa eles insistem em certos princípios ou normas gerais de conduta: Oséias, Isaías e Jeremias sublinham a necessidade do reconhecimento de Deus e da mentalidade comunitária (p.ex. Os 4,1.6 6,6 Is 11,2.4-5 Miq 7,2 6,8 Jer 9,2.5b.23 22,15b-16 24,7 31,34 Zac 7,9).

Outro princípio em que praticamente todos insistem é o sentimento de direito e justiça ou a vontade permanente de respeitar os direitos dos outros e de não cometer injustiças, especialmente contra os pobres e fracos e na área judicial. Baste lembrar: Am 5,7.24 Os 2,21b Is 1,21b 5,7c 9,6d Miq 6,8 Sof 2,3 Jr 4,2 22,3.13.15b 23,5 Ez 18,5.19.21 33,14b.16b Is 56,1 58,2b Zac 7,9 8,16b.

Também insistem na necessidade de atitudes sinceras e leais com os outros (Os 4,1b Zac 8,16; cf. Jer 5,1-5.26-28 9,7 Is 59,3b.4.14c.15a etc.). Ezequiel anuncia que Deus dará ao povo restaurado um coração novo, de carne, e um espírito novo (11,19 18,31b 36,26; cf. Jer 24,7 31,31-34 32,39).

Zacarias alerta contra as más intenções ou planos contra os próximos, os quais podem levar às ações más (7,10 8,17).

Isto quer dizer que os profetas esperavam a justiça, respectivamente o fim das injustiças principalmente destas atitudes interiores ou da mentalidade social-comunitária, e não tanto da mudança das estruturas externas e muito menos da violência. Quanto vejo, esta também foi a atitude de Jesus, resumida principalmente no duplo mandamento do amor de Deus e do próximo (2). Quer-me parecer que estas atitudes interiores continuam fatores válidos também nos nossos tempos.

(2) Ver J. B. Kipper, Atuação política e revolucionária de Jesus? Persp Teol 10, 1978, 275-306, e no volume coletivo Jesus Político e Libertação Escatológica (Série Bíblica-6). Edições Loyola, São Paulo 1979, 37-70.

4) Isaías, Jeremias e Ezequiel prometem um rei ou príncipe davídico ideal como campeão da verdadeira justiça, especialmente para os pobres e fracos (Is 9,5-6 11,1-5 Jer 23,1-6 Ez 34,23-24; cf. Miq 5). Esta esperança já não aparece em Is III, Zacarias e Malaquias. Is III apenas faz falar um profeta inspirado e encarregado por Deus para levar aos "pobres" a boa nova e libertar os prisioneiros (61,1-3); a mensagem é dirigida aos recém-repatriados que se vêem a braços com inúmeras dificuldades.

RESUMO

Este trabalho é um resumo de dois estudos mais alentados sobre a mensagem ou preocupação social dos profetas de Israel. Desde Amós e Oséias, Isaías e Miquéias no século 8º a.C. até os profetas pós-exílicos dos séculos 6º e 5º a.C. a defesa dos fracos e pobres, viúvas, órfãos e estrangeiros, pequenos proprietários e operários é um tema constante e amplo que não se pode ignorar. Um dos abusos mais verberados é a má administração da justiça nos tribunais. Estes porta-vozes de Deus não propõem programas sociais ou econômicos concretos e muito menos propugnam o uso da violência contra os abusos ou os exploradores, mas depositam sua confiança em Deus que os manda falar, e na mentalidade comunitária e no sentimento de direito e justiça das pessoas, ou eles prometem ainda um futuro rei davídico ideal que terá como tarefa prioritária a prática da justiça em favor dos fracos e pobres. Esta pregação profética continua atual e inspiradora.